

STEPHEN DAVEY

# Dona Jô

lições de um sofrimento passivo



STEPHEN DAVEY

# Dona Jô

lições de um sorimento passivo

Tradução e Contextualização  
DENIS SALGADO





## **DONA JÓ: LIÇÕES DE UM SOFRIMENTO PASSIVO**

Copyright © 2007, Stephen Davey

Título original da série em inglês: *Mrs. Job: Lessons from Secondhand Suffering*

Copyright de tradução © 2020, Sabedoria para o Coração

---

Todos os direitos reservados em língua portuguesa para

**Sabedoria para o Coração**

2703 Jones Franklin Rd, Suíte 105

Cary, NC 27518, EUA

[www.sabedoriaportugues.org](http://www.sabedoriaportugues.org) | [info@sabedoriaportugues.org](mailto:info@sabedoriaportugues.org)

As referências bíblicas são da Almeida Revista e Atualizada (ARA), 2ª Edição (SBB), salvo indicação específica.

É proibida a reprodução e distribuição por quaisquer meios, salvo em citações breves, com indicação da fonte.

1ª edição eletrônica em português: 2020

**Tradução e Edição:** Denis Salgado

**Diagramação:** Kristin Preston

**Capa:** Denis Salgado

# CONTEÚDO

Sufrimento Passivo .....	1
O Sofredor Ativo .....	4
O Sofredor Passivo .....	6
A Seriedade do Sofrimento Passivo .....	10
Lições ao Sofredor Ativo .....	14
Garantia nas Cinzas .....	18
NOTAS .....	21



## INTRODUÇÃO

# Sofrimento Passivo

**É** provável que você já tenha sido exposto a algo bastante perigoso e não sabia disso. Cerca de um milhão de jovens sofrem com alguma doença física por causa disso—desde asma a infecções no sistema respiratório e no ouvido; algumas crianças perdem completamente a audição. Em adultos, ele é responsável por câncer e doenças do coração, e mata cinquenta mil pessoas todos os anos! Esse elemento torna-se algo ainda mais perturbador porque suas vítimas nada fizeram para que trouxessem esse mal às suas vidas; elas simplesmente foram expostas a isso. Se você ainda não adivinhou, o vilão é o fumo passivo.

Na década de 1980, a empresa de cigarro Philip Morris realizou uma pesquisa, provando que fumo passivo é algo altamente tóxico. Contudo, a empresa manteve o resultado em segredo pelos vinte anos seguintes. Por volta do ano de 2005, estudos confirmaram que o fumo passivo é responsável por duzentos mil casos anuais de infecções respiratórias em crianças de dois anos para

baixo, quinze mil internações hospitalares por ano, meio milhão de ataques de asma e um milhão e seiscentas mil consultas médicas todos os anos.<sup>1</sup> O porta-voz do governo americano em questões de saúde pública ainda fez a declaração alarmante de que qualquer nível de exposição é prejudicial.

Imagine sofrer de alguns dos males citados acima ou de outras doenças sem jamais ter fumado um cigarro, charuto ou cachimbo. As vítimas acontecem de estudar, trabalhar ou fazer uma refeição com um fumante. Estudos médicos comprovam que até mesmo uma exposição rápida ao fumo passivo engrossa as plaquetas sanguíneas, vasos sanguíneos são prejudicados e o fluxo da coronária é reduzido.<sup>2</sup> Nosso mundo leva o problema tão a sério que muitos países têm aprovado leis que buscam diminuir ou eliminar as chances de fumo passivo.

O perturbador, entretanto, é que nos preocupamos profundamente com os efeitos do fumo passivo, mas fazemos pouco esforço para lidar com algo muito mais devastador, destrutivo e transtornador à vida—algo muito mais ameaçador à vida, perigoso e debilitante—do que o fumo passivo: trata-se do “sofrimento passivo.”

Milhões de pessoas são afetadas por isso todo ano; ele causa inúmeras dificuldades físicas e enche leitos após leitos em hospitais. As agendas de médicos, conselheiros e psicólogos estão cheias com consultas de milhões de pessoas afligidas por esse mal. Nenhuma lei foi aprovada para resolver esse problema. De qualquer maneira, isso de

nada adiantaria; não conseguimos erradicá-lo e nenhum remédio eliminará seus sintomas.

Permita-me definir sofrimento passivo da seguinte forma: *os efeitos adversos físicos, emocionais e espirituais experimentados por indivíduos envolvidos ou expostos regularmente a pessoas que estão sofrendo.*



## O Sofredor Ativo

**E**m Jó 2.2, encontramos Jó em um montão de cinzas. Após a segunda onda de ataques enviados por Satanás, Jó sofre com a agonia da tristeza: seus filhos morreram, seus negócios faliram e sua saúde se foi. Jó vive um pesadelo. Evidentemente, ele saiu de casa em tremenda agonia e deseja ficar sozinho. Além dessas coisas, ele perdeu sua reputação: o homem que todos pensavam estar vivendo para Deus havia, aparentemente, vivido uma vida secreta de pecado. Agora, Deus o julga severamente.

O homem que foi grandioso no passado ali se senta, encurvado, talvez até balançando o corpo para frente e para trás em desespero enquanto chora, indiferente aos mendigos e cães à sua volta. Seu coração ainda lamenta a perda dos filhos. Sem dúvidas, Jó concretizará as esperanças de Satanás e amaldiçoará o Senhor, que obviamente o abandonou. Com certeza, ele blasfemarà contra YAHWEH!

É nesse ponto que chega uma visita—sua esposa. O personagem que geralmente é ignorado quando se narra

a biografia de Jó é o único outro membro da família que permanece vivo. Ela já sofreu muito, mas sofrerá ainda mais ao agonizar diante do terrível sofrimento de seu marido. Se Jó é a epítome do sofrimento, ela então se torna a epítome do sofrimento *passivo*. Ambas as formas de sofrimento são fatais à fé. Chamaremos essa sofredora passiva de “Dona Jó”.

## O Sofredor Passivo

**E**m seu casamento há cerca de quarenta anos, ela e seu marido não imaginaram que passariam por esse tsunami de sofrimento. Tudo tinha começado bem: o casal era respeitado, rico e ocupado; eles eram avós que desfrutavam da sua idade madura em dignidade e conforto.

Uma tradição rabínica postula que a Dona Jó foi Diná, filha de Jacó. Apesar de haver forte evidência de que Jó viveu durante os dias dos Patriarcas (os homens que, antes do estabelecimento do sacerdócio, realizavam pessoalmente sacrifícios em prol da família), não podemos dizer com convicção que a Dona Jó foi uma das filhas de Jacó. Outra tradição afirma que uma das filhas de Diná, gerada de Jó e Diná depois que Deus restaurou a sorte de Jó, mudou-se para o Egito e se casou com José após ele ter se tornado o primeiro-ministro do império.

O que sabemos ao certo sobre a Dona Jó é que ela aparece rapidamente no lixão da cidade onde Jó se encontra, talvez na tentativa de protegê-la de alguma doença contagiosa. Logo que chega, ela pergunta: *Ainda*

*conservas a tua integridade? Amaldiçoa a Deus e morre* (Jó 2.9). Um tradutor expressa o verso da seguinte forma: “Renuncie a Deus e morra.” Outro prefere: “Despeça-se de Deus e morra”. Em outras palavras, “Dê as costas a Deus, abandone seu testemunho de fé, que é a única coisa que o mantém vivo, e deixe Deus matá-lo”.<sup>3</sup> No linguajar informal, a tradução seria: “Está claro que Deus desistiu de você; por que não desiste dele também?”.

Alguns retratam Dona Jó como uma serpente conspiradora. João Calvino acreditava que o diabo a incitou a tentar seu marido. Para Agostinho, ela foi cúmplice do diabo, ficando com vida apenas para ser usada pelo diabo para induzir o marido a amaldiçoar Deus. Após uma pesquisa e estudo linguístico, concluí que ela não impele Jó a pecar; creio que ela tenta terminar com o seu sofrimento.

A tradução grega do Antigo Testamento (a Septuaginta) foi produzida poucos séculos antes de Cristo. Apesar de seu texto não ser inspirado, é interessante notar que o apóstolo Paulo e o próprio Senhor Jesus citaram a Septuaginta em seus ministérios. Na Septuaginta, a Dona Jó faz um discurso mais longo, fornecendo-nos possível entendimento quanto à sua motivação para sugerir que seu marido termine sua vida ao renunciar o Senhor, uma atitude que, a seu ver, estimulará Deus a julgá-lo e a tirar sua vida. O texto da Septuaginta diz:

Após um longo tempo, [ela perguntou]:  
“Quanto tempo suportarás isto, dizendo:

‘Eis que esperarei mais um pouco, buscando a esperança da minha salvação?’ Eis que tua memória foi removida da terra, [nossos] filhos e filhas, o labor e dor do meu ventre, os quais com labuta criei inutilmente. Contudo, sentas-te na podridão dos vermes, passando as noites debaixo de céu aberto, enquanto eu vagueio... de um lugar a outro e de uma casa a outra, esperando o sol se pôr, para que descanse de minhas lutas e das dores que agora me agarram”.

Mais adiante, o texto ainda diz que ela passa pela humilhação de cortar e vender seu próprio cabelo, a fim de poder comprar pão.<sup>4</sup>

Dona Jó diz: “Tudo se perdeu... não suporto mais vê-lo sofrer dessa maneira! Abandone Deus e deixe que ele tire sua vida para que você encontre alívio para esta miséria terrível”. Apesar de não podermos defender o que ela sugere, devemos procurar entender.

Essa senhora que antes foi rica sobrevive de esmolas; ela teve que vender suas belas roupas, leiloar suas joias e até seu cabelo teve que cortar e vender para comprar comida. O Sr. e a Sra. Jó, cidadãos antes respeitados e estimados, são, agora, zombados. Sua riqueza acabou, seu negócio faliu, seus empregados foram assassinados e seus dez filhos morreram em um acidente esquisito.

Uma tempestade poderosa convergiu sobre esse casal e transtornou suas vidas em apenas um dia. Não havia

recurso interior algum capaz de contra-atacar o veneno amargo que ambos sentiam enquanto se ajudavam a levantar com joelhos trôpegos. Em um cenário ainda recente, dois pares de olhos inchados anelam para que os túmulos cavados, de alguma maneira, tremam de repente e seus dez filhos ressuscitem e se levantem em meio ao barro batido ainda mole. Ah! Se isso acontecesse!<sup>5</sup> De fato, essa tragédia é pesada demais para o casal poder suportar. O marido persiste em sua lealdade a um Deus que, evidentemente, não lhe é leal. É de se esperar que ela daria esse conselho querendo que Deus acabasse com o sofrimento dele... e talvez o dela também.

# A Seriedade do Sofrimento Passivo

**E**xistem quatro observações que emergem dos que sofrem passivamente.

*Sofrimento Passivo Pode Ser Tão Doloroso Quanto Sofrimento Ativo*

Apesar de diferente do ativo, o sofrimento passivo pode ser tão agudo e mordaz; o problema é que é muito mais difícil de ser expressado. Enquanto quem sofre fisicamente pode dizer, “Está doendo!”, o espectador é totalmente incapaz de aliviar a dor do ente querido, e isso é algo angustiante. A dor passiva é diferente, mas é igualmente profunda.

*Sofredores Passivos Podem Atingir Altos Níveis de Desespero Mais Rápido do que Os que Sofrem Ativamente*

A Dona Jó é prova disso; ela já decidiu que a vida não vale a pena e aconselha Jó a chegar à mesma conclusão.

Ela atingiu o nível do desespero. E por que não? Ela perdeu dez filhos e está perdendo seu marido, o homem que antes se assentava ao portão da cidade como um líder respeitado, um dos indivíduos mais renomados do Oriente. Agora, a honra do casal se foi e, até onde ela sabe, não há mais esperanças também.

No texto hebraico, os verbos *amaldiçoa* e *morre* estão no imperativo, indicando que ela dá um conselho urgente, sem dúvidas sob soluços e lágrimas. Imagino-a prostrada nas cinzas ao lado dele, dizendo: “Jó, desista, já era!”. Fica evidente nessa passagem que o sofrimento passivo pode ser tão nocivo à fé quanto o sofrimento ativo.

*Sofredores Passivos Suportam Suas Próprias Tristezas  
e Aprendem Suas Próprias Lições*

Uma placa na sala de aula de uma turma de ensino médio dizia: “A experiência é a professora mais difícil que existe: ela aplica a prova primeiro para depois ensinar”.<sup>6</sup>

Você alguma vez já se sentiu assim? Ainda tenta aprender a lição, mas os testes continuam aparecendo. Geralmente, existem dois testes para o sofredor passivo: primeiro, o teste de como reagir biblicamente diante do sofrimento de um ente querido; e o segundo é o teste da lição que Deus deseja ensiná-lo pessoalmente enquanto sofre indiretamente.

Uma mulher de minha igreja registrou seus pensamentos enquanto observava o marido buscando



um emprego, um processo com altos e baixos que durou mais de dois anos. A pressão sobre seu marido apenas aumentava, juntamente com as contas. Em meio a isso, ela escreveu alguns pensamentos interessantes em seu diário. Um parágrafo começava com a seguinte pergunta: “Quem me confortará?”, ela adicionou:

Nós dois fomos impactados dramaticamente por sua demissão; ambos temos grandes necessidades. Ele perdeu seu emprego, eu perdi minha segurança. Ele acha que perdeu sua identidade porque perdeu o emprego, eu penso que perdi minha identidade porque sinto que o estou perdendo. Ele deseja desesperadamente um emprego, eu desejo desesperadamente que ele consiga um.<sup>7</sup>

Esse é o testemunho transparente de uma sofredora passiva.

E esse também foi o testemunho da Dona Jó, que dependia de seu marido para sustento físico e posição social e moral na comunidade. Mas, agora, em questão de minutos, ela também perdeu tudo: com a morte do gado e dos servos veio perda financeira; com a situação deplorável do marido, ela perdeu sua posição como matriarca e esposa de um príncipe.<sup>8</sup>

E lembre-se de que nada disso é culpa sua; ela agora sobrevive de esmolas, suportando a pena e os olhares de ex-amigas que antes invejavam sua fortuna. Pior de

tudo, seu marido se senta no lixão da cidade privado de honra, fama e dignidade. Tudo se perdeu. É de se esperar que ela concluiria que morte repentina é preferível a dor interminável. Esse cálice, por acaso, não é amargoso demais para se beber? Deus não prometeu prover livramento ao invés de exigir perseverança? Esse é o seu Getsêmani.

*Sofredores Passivos Podem Chegar a Conclusões  
Erradas e Precisam de Ajuda para Encontrar  
Equilíbrio entre Perspectiva Bíblica e Perseverança*

O sofredor passivo pode precisar da ajuda do sofredor ativo para crescer durante a crise, até mesmo mais do que o sofredor ativo carece da resiliência do espectador.

Você alguma vez já visitou um indivíduo seriamente doente em um hospital ou em casa? A visita foi feita na convicção de que ele precisava de seu encorajamento para passar por aquele sofrimento. Entretanto, o enfermo apenas expressou o que tinha ganhado naquela circunstância. Depois que saiu do quarto, você percebeu que não tinha ajudado muito o doente, mas ele o havia encorajado tremendamente! É exatamente isso o que acontece ali no lixão do lado de fora da cidade.

# Lições ao Sofredor Ativo

**D**ona Jó perdeu a perspectiva bíblica e o equilíbrio espiritual. Por isso, aconselha seu marido a renunciar seu testemunho de fé e seu Deus e morrer. Por mais estranho que pareça, Jó, o Sofredor, torna-se Jó, o Professor. Se você sofre ativamente neste momento, aprenda algumas lições com a resposta de Jó à sua esposa.

*Sofrimento Nunca É Desculpa para Atacar Outros  
ao Seu Redor*

A resposta de Jó começa com um desafio: *Mas ele lhe respondeu: Falas como qualquer doida* (Jó 2.10a). O que a priori soa como algo áspero é, na realidade, uma repreensão bondosa e graciosa. Perceba que Jó não a chama de doida, mas diz: “Você está falando como uma mulher doida fala”. Na prática, ele diz: “Querida, sei que você não é uma mulher doida, apesar de estar falando dessa maneira; sei que você não é assim de fato”.

O termo hebraico traduzido como *doida é nabal*, empregado no Antigo Testamento para se referir a um ímpio ou pessoa sem entendimento. Jó lhe diz com sinceridade: “Você está muito acima dessas palavras... conhece Deus melhor do que isso. Sei que sua tristeza é imensa, mas essa ideia de amaldiçoar Deus é conversa de mulheres que não conhecem a Deus como você conhece”.<sup>9</sup> A resposta de Jó serve inicialmente como um lembrete bondoso à sua esposa de algo que ela já sabia.

*O Sofrimento Geralmente É O Melhor Púlpito para  
Se Ensinar Verdades Profundas*

Jó continua a ensinar sua esposa: *temos recebido o bem de Deus e não receberíamos também o mal?* (Jó 2.10b). O verbo hebraico traduzido como *recebido (qabal)* descreve uma participação ativa e positiva naquilo que Deus concede, não um recebimento meramente passivo.<sup>10</sup> Ou seja, o crente não se desespera e diz: “Você acredita no que aconteceu comigo? Veja, não há nada que eu possa fazer além de roer as unhas e sofrer!” Jó não reage assim. Ele ensina sua esposa a desenvolver um espírito de aceitação ao invés de um espírito de amargura.

Sim, Jó perderá e ganhará essa perspectiva no decorrer do tempo. Ele passará por um ciclo de tristeza e fé, por vezes desejando morrer e exigindo uma audiência com o Senhor. Mas esses comentários direcionados à sua esposa representam sua mais sublime atitude, suas mais preciosas colocações. A Dona Jó suspende as coisas com

Deus e Jó lhe ensina a receber e aceitar o que o Senhor envia.

Outra mulher que sofreu imensamente na vida escreveu sobre o crescimento adquirido nos dias desesperadores de provação:

Resignação e aceitação são duas coisas diferentes. Resignação é submeter-se ao destino; aceitação é submeter-se a Deus. Resignação descansa em um universo vazio; aceitação ergue-se para se encontrar com o Deus que enche o universo. Enquanto a resignação diz: “Não consigo”, a aceitação diz: “Consigo”. A resignação diz: “Acabou”; a aceitação pergunta: “Agora que estou aqui, Senhor, o que vem em seguida?”; a resignação diz: “Que desperdício”; a aceitação pergunta: “Senhor, de que forma podes usar esta confusão em teu plano redentor?”.

Foi isso o que escreveu Elizabeth Elliot, missionária aos índios Aucas.<sup>11</sup> As verdades mais profundas não são aprendidas na ausência de dor ou tristeza, mas em meio a elas.

Charles Spurgeon afirmou enquanto pregava nessa passagem:

Ah, querido amigo, quando sua tristeza apertá-lo contra o pó, adore ali. Se aquele lugar passou a ser o seu Getsêmani, então

apresente ali seu clamor e lágrimas a Deus. Lembre-se das palavras de Davi: “Ó, povo, derramai o vosso coração” —mas não omita o mais importante, complete o verso— “Ó, povo, derramai perante ele o vosso coração”. Vire o barco de ponta-cabeça; é bom esvaziá-lo, pois essa dor pode fermentar e se transformar em algo azedo; vire o barco de ponta-cabeça e deixe todas as gotas escorrerem; deixe tudo escorrer diante do Senhor.<sup>12</sup>

*O Sofrimento É O Local Onde Nossa Satisfação com  
A Vontade de Deus É Testada*

Jó diz: “Minha querida esposa, receberemos o bem de Deus, mas não o sofrimento?”. Não é encorajador saber que ambos procedem da mão generosa de Deus?

Fico bastante encorajado ao ver que a Dona Jó não retrucou—nenhuma reação colérica à lição gentil sobre o direito que Deus tem de conceder alegria e tristeza. Isso sugere que ela aceitou a lição. Talvez tenha sido convencida de seu pecado; ou quem sabe tenha brotado um reavivamento em seu próprio espírito ali mesmo no lixão da cidade, enquanto suas lágrimas molhavam as cinzas onde seu marido sofredor se sentava.

## CONCLUSÃO

# Garantia nas Cinzas

Imagine os dois juntos ali; ela não pode reclinar a cabeça contra o ombro de seu marido, porque isso lhe agravaria a dor, mas se senta o mais próximo possível, talvez revezando no trabalho de coçá-lo com o caco de cerâmica. Talvez eles conversam em voz baixa sobre a vida que desfrutaram no passado e sobre a fé que deve existir.

O casal não faz ideia da batalha espiritual que se desenrola; eles não ouvem o barulho de anjos—quer bons ou ruins—voando ao seu redor; eles não sabem que o Deus que foram tentados a pensar que está ausente, com efeito, os observa atentamente. Como imaginariam que, ao se encontrarem fora da cidade no lixão sobre cinzas, eles estavam, na realidade, dentro da vontade do Soberano?

O apóstolo Pedro escreveu: “Por isso, também os que sofrem segundo a vontade de Deus encomendem a sua alma ao fiel Criador, na prática do bem” (1 Pe 4.19). Todo crente que suporta qualquer espécie de adversidade sofre segundo a vontade de Deus. Deus não está ausente;

na verdade, ele está mais perto do que imaginamos. E, conforme diz Pedro, o que o crente deve fazer? “Encomende sua alma ao fiel Criador”.

Que conselho maravilhoso! O verbo “encomendem” é um termo bancário que significa “depositar.” Ele carrega a ideia de depositar um tesouro em mãos de confiança. E o nosso Criador não estabeleceu limite para quanto podemos confiar às suas mãos. O que você depositar sob seus cuidados estará eternamente seguro. Deus jamais dirá ao sofredor: “Você está confiando às minhas mãos mais do que posso garantir que cuidarei. Desculpe-me, mas você ultrapassou seu limite”.<sup>13</sup> Não. Pedro diz: “Quando você sofrer, pode descansar certo de que cada detalhe de sua vida está na poderosa mão de seu Criador; seu montão de cinzas acontece de estar dentro da vontade de Deus”.

A mesma palavra grega para encomendem que Pedro empregou também foi usada vários anos antes pelo nosso Senhor Jesus. Enquanto estava pendurado na cruz, Ele exclamou: “Pai, na tua mão entrego [encomendo, depósito] meu espírito” (Lc 23.46). Jesus proferiu a mesma palavra que Pedro usou em sua carta para encorajar crentes a encomendar sua vida sofredora aos cuidados de Cristo, assim como o Salvador encomendou seu espírito às mãos de Deus, o Pai. Se naquela hora de angústia inexprimível Jesus pôde encomendar sua vida à vontade do Pai, então nós também podemos. Quando fazemos isso, tornamo-nos mais parecidos com o Salvador, conhecendo-o verdadeiramente, não somente no poder



de sua ressurreição, mas também “na comunhão dos seus sofrimentos”. Enquanto isso, também nos tornamos mais parecidos com os companheiros de sofrimentos—Seu Jó e Dona Jó.

# NOTAS

- 1 “Secondhand Smoke Fact Sheet,” agosto de 2006 em <http://www.lungusa.org>.
- 2 Ibid.
- 3 Albert Barnes, *Notes on the Old Testament: Job*, Volume 1 (Baker, 1949), p. 118.
- 4 David J. A. Clines, Word Biblical Commentary: *Job 1–20* (Word, 1989), p. 53.
- 5 Scott Mitchell, “God’s Job,” 16 de outubro de 2013 em <http://pasturescott.org/2013/10/16/gods-job/>.
- 6 John MacArthur, *The Power of Suffering* (Victor Books, 1995), p. 135.
- 7 Diane Johnson, *Blue Moods/Blue Skies*.
- 8 Clines, 51.
- 9 Ibid., 54.
- 10 John E. Hartley, New International Commentary on the Old Testament: *Job* (Eerdmans, 1988), p. 84.
- 11 Jill Briscoe, “In My Father’s Arms” em <http://www.preaching-today.com>.
- 12 Charles H. Spurgeon, *The Suffering of Man and The Sovereignty of God* (Fox River Press, 2001), p. 18.
- 13 Charles R. Swindoll, *Hope Again* (Word, 1996), p. 210.